

# “DA HOSPITALIDADE À HOSTILIDADE VAI UM PASSO”

Cristina Santinho, antropóloga

PAULA HENRIQUES  
phenriques@dnnoticias.pt

Cristina Santinho é investigadora integrada do Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Há 15 anos que trabalha sobre refugiados em Portugal, investigando o acolhimento e integração. É professora do ISCTE e está ligada a vários projectos nacionais e internacionais. Veio à Região atraída pelos que trocaram a Venezuela pela Madeira.

**Particularmente, o que quer saber, qual é o interesse?** Todos nós ouvimos nas notícias falar sobre o que está a acontecer na Venezuela. Há três quatro anos comecei a ouvir falar dos primeiros imigrantes que vinham directamente para a Madeira e comecei a ficar atenta, é a minha área de investigação, aquilo que me interessa são as mobilidades. Através de um colega meu, também antropólogo, vim a saber mais detalhes sobre esta questão do regresso de alguns venezuelanos. Também achei curioso o paralelismo entre os venezuelanos que nunca estiveram na Madeira mas que são descendentes daqueles que foram para a Venezuela e que vêm porque era a terra dos pais, com os retornados, a seguir ao 25 de Abril. É a própria ideia das categorizações: São imigrantes? São refugiados? Que é o que menos me interessa, interessa-me do ponto de vista jurídico, porque as categorizações dão mais ou menos direitos.

**O que é que separa essencialmente um refugiado de um imigrante?** Na essência, em termos daquilo que está escrito na Convenção de Genebra desde 1951, é qualquer pessoa que sofra perseguição política ou outro tipo de perseguições, religiosa, étnica, agora também de género, e que tenha de fugir para proteger a sua vida ou não possa voltar a ela sob pena de ser morta. Só que essa condição do que é o refugiado surgiu a partir da II Guerra Mundial para proteger as pessoas que vinham a

fugir da Alemanha nazi, aplica-se sobretudo em contextos de guerra. Hoje há evoluções. Porque por exemplo já podemos falar de refugiados do clima, pessoas que, por questões de alterações ambientais drásticas, vêem os risos secos, o solo desidratado, não há produção alimentar, e que precisam de comida para pôr no prato dos filhos ou deles próprios. Têm tanto direito a ser protegidos como refugiados, como alguém que vem da guerra, porque é uma questão de sobrevivência.

A questão dos venezuelanos, eu creio que também em termos das convenções poderiam perfeitamente ser considerados como refugiados. Não é uma guerra generalizada, mas é sem dúvida um conflito político, social, económico bastante grave, onde a violência é enorme, onde se corre risco de vida diariamente e onde não estão salvaguardadas as questões essenciais para uma vivência digna, que são a saúde, a alimentação, a educação e a tranquilidade.

**E o seu trabalho aqui vai passar por quê?** Deixe-me só dizer, se pensarmos também nestas categorizações que são um pouco impostas, não podemos deixar de fora os imigrantes, muitos deles até são considerados imigrantes 'ilegais' ou indocumentados, quando ao fim ao cabo constato, quando falo com eles, que as vidas são muito semelhantes, destes imigrantes ou dos considerados refugiados. Isto só para dizer que é muito perigoso ficarmos só atentos às categorizações, e não à vida das pessoas.

Sobre o que me trouxe aqui, ainda está mesmo muito no início. Através deste meu colega antropólogo conhecido o Henrique [Amoedo], falei com o Henrique do Dançando com a Diferença, estivemos a conversar sobre esta temática dos venezuelanos aqui na Madeira e ele perguntou-me se eu estava interessada em vir conhecer esta realidade e eu disse logo que sim, porque quero ver



## VENEZUELANOS PODERIAM “PERFEITAMENTE SER CONSIDERADOS COMO REFUGIADOS”

novas migrações, o que está na origem. De alguma forma é diferente daqueles refugiados com quem eu lido mais.

**A começar pelo número, não é?** A começar pelo número, que não tem nada a ver. Nós no continente temos mil e tal refugiados que vêm da Síria, do Iraque, da Eritreia, mas também da Guiné Conacri, da Serra Leoa. Temos uma grande diversidade de origem.

**Aqui temos seis mil, números oficiais, mas poderão ser mais.** Exactamente. Esta nova realidade pareceu-me muito interessante de ser estudada, a partir desta perspectiva. Vamos lá a ver como é que a sociedade madeirense lida com a vinda destes venezuelanos.

**Do pouco que conseguiu ver, com que ideia é que ficou?** Acabámos de vir de uma reunião, um focus group com algumas famílias de refugiados na Ponta do Sol. Achei muito curioso que estas pessoas têm formação superior, não estou a dizer que são todos os venezuelanos que estão na Madeira, evidentemente, mas estas famílias com quem estivemos têm uma formação superior muito consistente, são pessoas extremamente

empreendedoras, com imensa capacidade de dar e de receber, com uma atitude que me pareceu também surpreendente, compreendem que têm de encontrar maneiras criativas de lidar com uma sociedade que não é aberta à diferença, que é a sociedade madeirense. É o que me pareceu, não são muito abertos à diferença, apesar de haver esta relação de parentesco, entre os madeirenses que têm agora 70 anos ou mais e aqueles que agora estão a chegar. Não havia uma única pessoa naquele grupo que não tivesse um avó, um tio, um pai, um sobrinho na Madeira.

**É um paralelo com os refugiados com quem está habituada a trabalhar?** Não, de maneira nenhuma. No continente os refugiados não têm nenhum tipo de relações de parentesco com os portugueses, essa é uma grande diferença. Aquilo que me interessa verificar é se estas relações de parentesco podem contribuir para amenizar ou para criar melhores condições de acolhimento. Os do continente que vêm de todos estes países tão diferentes onde não há relações culturais e nem sequer históricas, e nem sequer coloniais com a origem destes países, que não é das ex-colónias que eu estou a falar, não há relações de parentesco, não há sequer redes sociais de apoio.

**Há um pouco a ideia de que Portugal é um país de braços abertos. Como é que é no acolhimento aos refugiados?** Nós somos conhecidos por um país hospitaleiro, mas aquilo que eu noto é que da hospitalidade à hospitalidade vai um passo. O acolhimento em termos de discurso, de narrativas políticas e sociais tem sido excelente, de uma forma geral. A sociedade, de Norte a Sul do país, estendeu-me a referir ao continente, mobilizou-se, também com grande apoio da Igreja, das confissões religiosas, das organizações não-governamentais, para acolher os refugiados. E portanto essa resposta

foi fantástica. O pior é a integração. Podemos falar de casos de sucesso? Podemos, mas da minha investigação no terreno, estes casos de sucesso devem-se aos próprios refugiados.

**E o que é que faz a diferença entre ter ou não ter sucesso na integração?** O facto de terem formação superior, de terem tido algum tipo de formação mais avançada, o facto de já nos seus países de origem serem profissionais empreendedores, a todos os níveis, e o terceiro factor é terem realmente alguma ajuda por parte dos portugueses, abrindo-lhes as portas, facilitando mais a situação, desburocratizando, criando redes muitas vezes informais para dar algumas indicações de como é que o sistema funciona. Porque é realmente muito difícil. Eu própria sou portuguesa, tenho 58 anos, e às vezes nem eu sei como é que o sistema funciona, Segurança Social, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Nós temos um sistema, em termos gerais, muito burocrático, muito viciado, com muito pouca partilha entre serviços e um bocadinho bloqueado para o exterior. Acho que nós como sociedade temos a obrigação de dar esse passo. Para já, sermos acolhedores, acho que deveria ser uma das características que deveríamos manter, para qualquer pessoa que seja diferente de nós ou que precise da nossa ajuda, é uma questão de humanidade. Todo este processo de iniciar uma nova vida é sempre um processo traumático porque deixou-se tudo para trás, vem-se ainda traumatizado pela violência que se seguiu. Estou aqui a lembrar-me das histórias dos próprios venezuelanos de hoje [sábado], que foram ameaçados, que foram baleados, que os roubaram, que nem em casa se sentem seguros, que não têm carne para comprar, não têm leite para comprar para dar aos seus filhos. Isto é toda uma bagagem que trazem e que, apesar de tudo, econ-



dem da sociedade de acolhimento para realmente tentarem agora em contexto de paz a possibilidade de refazerem as suas vidas. Todos eles querem voltar, estes que nasceram lá. Alguns quererão ficar porque já são mais idosos, mas aqueles que têm à volta de 30, 40 anos. São pessoas que podem aportar, podem trazer tanto conhecimento a todos nós portugueses, que eu acho que devemos olhar para estes venezuelanos, não como aquilo que normalmente passa por aí, que é vêm nos roubar os nossos trabalhos...

Eles queixam-se disso? Claro, porque sentem isso na pele. Aquela obrigatoriedade de aprender a falar português. 'Fala comigo em português, tu estás para aí a falar em espanhol, mas estás em Portugal, tens de falar português'. Eu acho isto horrível da nossa parte. Porque nós portugueses esquecemos que historicamente as nossas comunidades portuguesas estão a viver no estrangeiro ainda, e sei disso porque os meus avós emigraram para os Estados Unidos, nunca aprenderam inglês. Mas eram trabalhadores, produziam. É o mesmo que os venezuelanos ou outros quaisquer emigrantes ou refugiados fazem.

O que é que motiva essa reacção hostil? Medo.

Medo de quê? Para já é o desco-

nhecimento. Eu vou citar uma frase que eu ouvi no grupo e que me pareceu muito adequada. 'Não incluir é uma resistência à mudança'. O criar ostracismo, o criticar, o dizer 'Vão nos tirar o nosso trabalho' é por um lado medo. A sociedade madeirense obviamente tem os seus próprios códigos, a sua própria cultura, como as pessoas se entendem relativamente cristalizada, mas depois vêm pessoas que eles não conhecem em profundidade e a reacção mais primária é ter medo do desconhecido.

Há também críticas de que dão mais atenção, são mais rápidos, apoiam mais estas pessoas. Quem é que dá mais atenção?

O Governo, as instituições, a sociedade. Aí eu acho que é preciso ter realmente muita atenção a essa questão. Que o Governo dê mais atenção e que crie programas de apoio aos venezuelanos, acho obviamente importante, qualquer Estado de direito que se diga democrático e que se diga protector ou defensor dos direitos humanos e direitos cívicos deve ter programas de apoio a situações de emergência. Porque nós também já precisamos de ajuda enquanto portugueses, quando vivíamos no exterior, às vezes perdemos este dado histórico. Provavelmente aquilo que não se sabe é que esta ajuda é pontual. Tem um prazo li-

### ANTROPÓLOGA QUER SABER COMO É QUE OS MADEIRENSES LIDAM COM A VINDA DOS VENEZUELANOS

mitado, vai desaparecer ao fim de uns meses ou de uns anos. O apoio para a integração demora 18 meses e depois é suposto eles serem autónomos. Esclarecer também que quando eles estão no mercado de trabalho, tal como todos os outros que trabalham, eles pagam os impostos e tal como qualquer cidadão nacional também têm direitos. E depois há uma outra questão que também é transversal, acontece aqui na Madeira e acontece também no continente, que é o cuidado que se deve ter, enquanto Estado, enquanto governo, enquanto sociedade, de que quando se desenvolvem programas de apoio para o evitamento da exclusão social, estes programas devem ser transversais. Ou seja, se o Estado, o governo descuidar o apoio aos portugueses excluídos, aqueles que continuam a viver do Rendimento Mínimo, que não têm uma habitação condigna, que não conseguem sair do círculo de pobreza, e se

normalizar a situação destas pessoas e se houver apoio ainda que pontual e escasso aos que vêm de fora, é muito perigoso porque pode criar um desequilíbrio, não real, mas de entendimento.

Ou seja, cria uma nova barreira contra os que cá chegam? Cria um estereótipo e sobretudo cria um bode expiatório, os outros, os imigrantes, os refugiados, os sírios, os venezuelanos. Sendo que estas pessoas não têm culpa. Portanto acho que cada vez mais uma boa política é aquela que cria programas de desenvolvimento transversais e trata muito a sério toda a exclusão social, desde as populações mais ostracizadas da sociedade, os mais pobres, aqueles que não tiveram nunca acesso à educação, no continente diria as populações ciganas, as populações negras de bairros degradados... Não pode de maneira nenhuma esquecer os nacionais, tal como também não deve esquecer os que nos visitam ou que ficam cá a viver.

Considera Portugal um caso de sucesso na política de refugiados? Comparativamente à grande maioria dos países europeus agora, sim.

No entanto continua a não ser um destino de eleição... O caso de sucesso é em termos de narrativas políticas, ou seja de discursos. Não é um destino de eleição sobretudo porque em

termos económicos é um país pobre, apesar de estar muito evoluído em relação a anos transactos ou a décadas transactas.

Se o país é ainda um país com muita exclusão e pobre nalguns aspectos, deve-se a escolhas políticas. Nada disto é por acaso. Podíamos ser um país rico. Mas temos que ver é onde é que decidimos investir o dinheiro, se é a salvar bancos ou se é a criar políticas de desenvolvimento social e económico. Os refugiados entram, mas rapidamente saem porque todos eles querem ser autónomos. Ninguém, nem estes venezuelanos, nem os do continente querem depender do Estado. Isso é um erro pensar assim. Mas onde não há trabalho, só lhes resta, a duras penas, ir procurar essa tal vida digna noutros países europeus onde provavelmente já têm redes sociais e económicas mais desenvolvidas.

Há muitas críticas também à política europeia em relação aos refugiados, às vidas que se perdem. A Europa está a cometer erros? Em todas as frentes. Fala-se erradamente de crise dos refugiados Não! Eles são as vítimas da crise da União Europeia, da crise da Europa, das políticas neoliberais exacerbadas de uma política que tem em vista o securitarismo, a vigilância, a penalização da mobilidade das populações. Interessa à União Europeia ter pessoas que não têm nem dinheiro nem direitos. Porque mesmo aqueles que entram, que hão-de entrar sempre, por mais muros que existam, eles vão trabalhar. Só que como o fazem de forma ilegal, não têm documentos, acabam por ser uma força de produção, contribuindo para a riqueza dos países, que só tem 'vantagens', teoricamente, não têm direitos nenhuns. Estamos a criar uma sociedade assustadora a esse nível. Tem inenso os neofascismos, os populismos que estão aí a eclodir por todo o lado, no Brasil, Trump, desde logo, a Venezuela...

Portugal também? Portugal com os Venturas deste mundo [André Ventura], o recrudescimento dos grupos neonazis, o racismo... Tenho muito, muito receio do futuro. A humanidade e a empatia também se vêem pela forma como integramos ou ajudamos a inserir aqueles que normalmente consideramos estranhos à nossa sociedade. Temos que ser nós, sociedade em geral, a dar esse passo. Porque se não, a humanidade cai num descalabro terrível. A mim não é difícil imaginar uma III Guerra Mundial, ou então sociedades completamente repressivas ou distópicas como aquela que se está a tornar o Brasil. Isso é perigosíssimo. Nem nos passa pela cabeça. Passa nalguma medida porque já tenho idade suficiente para saber o que foi o fascismo e eu não quero que os meus descendentes venham a passar pelo mesmo. Portanto temos de estar sempre alerta e defender a democracia e a liberdade e sobretudo os direitos cívicos e humanos e não termos medo da diferença, não termos medo dos outros.